



**Escola Secundária
Inês de Castro**
CANIDelo VILA NOVA DE GAIA



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO



RELATÓRIO FINAL

DA

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INTERNA

ESCOLA SECUNDÁRIA DE INÊS DE CASTRO

2016 – 2017

Com o presente Relatório, elaborado de acordo com os objetivos gerais da avaliação interna, procura-se a melhoria permanente da avaliação, quer como instrumento de diagnóstico regulador e promotor da qualidade, quer como instrumento de reflexão crítica partilhada, sempre perseguindo, naturalmente, a consolidação do processo de auto-avaliação.

Nesse sentido, e de acordo com o previsto no seu Regimento Interno, a Comissão de Avaliação Interna (CAI) da Escola Secundária de Inês de Castro (ESIC) procede à apresentação do Relatório Final referente ao ano letivo 2016/2017, que, posto inicialmente à consideração do Conselho Pedagógico e do Conselho Geral, deverá depois ser colocado ao dispor de toda a comunidade escolar.

Tal como nos relatórios anteriores, as linhas orientadoras do presente são as decorrentes do Referencial de Autoavaliação Interna (RAI) da ESIC, depois de acordados com o agora ex-Diretor os Domínios, os Campos de análise e os Parâmetros a analisar. Por forma a dar prossecução aos objetivos propostos, esta CAI desenvolveu o seu trabalho seguindo a metodologia definida desde a elaboração do RAI, como a seguir se especifica.

1. No que respeita ao domínio **Resultados**, procedeu-se à análise documental relativa aos campos:
 - 1.1 **Resultados académicos**, de acordo com o previsto no critério “Percentagem de sucesso” e em função dos indicadores “Alunos que transitaram/admitidos a exame” e “Diferencial entre avaliação interna/externa”;
 - 1.2 **Resultados sociais**, considerando os critérios “Percentagem de sucesso pessoal” e “Cumprimento de regras”, segundo os indicadores “Alunos que entraram no ensino superior” e “Dados do Programa de combate à indisciplina”, a que acrescem informações recolhidas especificamente a partir dos questionários aplicados aos professores e aos assistentes. (PCI).
2. Por outro lado, o foco de análise centrou-se no domínio **Prestação de serviço educativo**, pelo que nos questionários que se aplicaram aos docentes visava-se a recolha de informação no âmbito dos campos:
 - 2.1 **Planeamento e articulação**, de acordo com critério “Trabalho colaborativo” e em função do indicador “Práticas de diferenciação pedagógica”;
 - 2.2 **Práticas de ensino**, com vista à aferição dos critérios “Adequação” e “Eficácia”, no âmbito do indicador “Medidas de apoio”.

3. Finalmente, no domínio **Liderança e gestão**, e na sequência de questionários aplicados e de propostas apresentadas à Direção em anos anteriores, contou-se com o contributo de toda a comunidade escolar, ou seja, pessoal docente, discentes, encarregados de educação (EE), assistentes técnicos e assistentes operacionais (AT/AO). Embora tendo sido aplicados questionários que consideram campos distintos, visto que os destinatários eram também distintos, todos eles visavam aferir o indicador “Grau de satisfação interna e externa”, de acordo com o que se segue:

3.1 no caso do pessoal docente, consideraram-se dois campos: **Liderança**, aí se considerando os parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, e **Gestão**, considerando-se o parâmetro “Horários e distribuição de serviço”;

3.2 no que a alunos, EE e AT/AO diz respeito, e dentro do campo **Gestão**, os critérios em análise foram “Práticas de organização”, “Adequação” e “Eficácia”.

Recorde-se ainda que, quer nos questionários direcionados aos docentes quer nos direcionados aos assistentes, foi também considerado o campo **Resultados sociais**, concretamente no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita.

Atendendo a que o seu plano de ação prevê a consolidação dos mecanismos de autoavaliação, a CAI tem procurado desenvolver uma metodologia com características de investigação/ação para, através de conhecimento tão fundamentado quanto possível, tentar propiciar intervenções mais adequadas e eficientes, de modo a procurar criar as condições necessárias à mudança e/ou melhoria que se deseja. Para além da análise documental e dos questionários aplicados, também os contactos não intencionais e informais continuaram a ser uma metodologia considerada, na medida em que permitem ter uma visão mais alargada da escola no seu todo. Por isso mesmo, algumas das reflexões apresentadas resultam, precisamente, da aplicação desta metodologia.

Finalmente, convirá recordar o que se tem vindo a frisar em relatórios anteriores – à CAI apenas compete apresentar dados e sugestões que abram perspetivas sobre caminhos a seguir. Assim, e na sequência do que neste Relatório se apresenta, caberá agora ao novo Diretor, solicitar propostas conducentes a planos de melhoria para os domínios analisados, se entender necessário fazê-lo.

A equipa de avaliação interna considera importante deixar duas palavras finais. Uma para o ex-Diretor, que no ano letivo de 2009/10 convidou a coordenadora desta

Comissão para formar e orientar uma equipa de autoavaliação da ESIC e que desde sempre nos deu, como não poderia deixar de ser, total autonomia em termos de trabalho. Outra para o novo Diretor, pelo convite que nos dirigiu no sentido de, nos mesmos moldes, continuarmos o trabalho que temos vindo a levar a cabo.

Esta CAI procurou, desde o início, que o seu trabalho fosse sério e transparente, pelo que, como é óbvio, se compromete a continuar na mesma senda. Nesse sentido, e sempre com o objetivo de melhorar o nosso desempenho, todos os contributos continuarão a ser bem-vindos e bem acolhidos, dado que apenas a melhoria dos resultados da ESIC nos norteia.

1. RESULTADOS ACADÉMICOS E SOCIAIS DOS ALUNOS

1.1 Da análise dos **Resultados académicos**, e tendo em conta as taxas de sucesso verificadas na ESIC e as verificadas a nível nacional (cf. Anexo 1), pode concluir-se que, por comparação, contrariamente ao habitual, os resultados dos nossos alunos estão muito abaixo do desejável, seja por ano de escolaridade, seja em relação à percentagem global de sucesso.

É isso mesmo que mostram os quadros abaixo:

ENSINO REGULAR – BÁSICO				
PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE				% GLOBAL DE SUCESSO
ANO	7º	8º	9º	
ESIC	83,03%	90,38%	90,38%	88,3%
NACIONAL	87,84%	92,89%	91,95%	90,89%

ENSINO REGULAR – SECUNDÁRIO				
PERCENTAGEM DE SUCESSO POR ANO DE ESCOLARIDADE				% GLOBAL DE SUCESSO
ANO	10º	11º	12º	
ESIC	82,73%	86,55%	66,94%	78,89%
NACIONAL	84,56%	90,73%	69,23%	81,64%

No que respeita aos cursos qualificantes, poderemos verificar que, também contrariamente ao habitual, a realidade é a mesma, sendo os resultados do ensino básico vocacional francamente preocupantes. No que respeita aos três anos dos cursos profissionais os resultados são também piores que os nacionais, particularmente no 3º ano, daí resultando que igualmente o seja a percentagem global de sucesso.

CURSOS QUALIFICANTES					
PERCENTAGEM DE SUCESSO POR CURSO					
CURSO	BÁSICO	PROFISSIONAL			% GLOBAL DE SUCESSO
ANO	Vocacional	1º ano	2º ano	3º ano	
ESIC	43,48%	96,12%	97,96%	52,05%	85,04%
NAC.	83,60%	98,26%	99,21%	70,28%	90,05%

EXAMES NACIONAIS

Centremo-nos, agora, nos dados relativos à avaliação interna e externa, por forma a melhor perceber o desempenho dos nossos alunos. Saliente-se, no entanto, que a comparação dos resultados finais estará eivada de alguma falta de rigor, na medida em que os dados facultados pelo Ministério da Educação através do IAVE, não só não distinguem escolas públicas de privadas, como não entram em linha de conta com os resultados esperados, ou seja, com aqueles que seria expectável que os alunos obtivessem em função do meio económico, social e cultural em que estão inseridos. Por isso mesmo, e em função da parcialidade dos dados de que dispomos, quer parecer-nos ser necessária uma certa “reserva” nas leituras que se fazem.

ENSINO BÁSICO (Anexo 2)

No 9º ano de escolaridade, o total de alunos que reuniu condições para realizar exames nacionais foi de duzentos e seis, mas apenas cento e noventa e sete realizaram as provas. Face aos resultados obtidos, poderá perceber-se que o desempenho dos nossos alunos na disciplina de **Matemática** continua a revelar-se muito preocupante, como podemos ver no quadro abaixo, dado que de **27%**, na **classificação interna**, passou para **79%**, na **externa**, a percentagem dos que obtiveram nível inferior a três.

DISCIPLINAS	9º ANO DIFERENÇA ENTRE A CLASSIFICAÇÃO INTERNA (UNIVERSO DE 206 ALUNOS) E A CLASSIFICAÇÃO DE EXAME (UNIVERSO DE 197 ALUNOS) PERCENTAGEM DE NÍVEIS < 3 (CI E CE)					
	CI		CE		% DE NÍVEIS < 3	
	NÍVEL ≥ 3	NÍVEL < 3	NÍVEL ≥ 3	NÍVEL < 3	CI	CE
PORTUGUÊS	156	50	124	73	25%	37%
MATEMÁTICA	152	54	42	155	27%	79%

Face a estes dados, importará refletir sobre o diferencial considerável entre o número de **alunos admitidos a exame com nível igual ou superior a três** e os que **obtiveram o mesmo resultado em exame**. Para isso, espera-se, contribuirá o quadro que se segue, do qual se conclui que, dos alunos admitidos a **Português** nas condições referidas, foi de **79%** a percentagem dos que obtiveram **nível positivo**, sendo essa percentagem de **28%** no caso de **Matemática**.

TURMAS	PORTUGUÊS		MATEMÁTICA			
	ADMITIDOS COM NÍVEL ≥ 3	OBTIVERAM NÍVEL ≥ 3 EM EXAME	ADMITIDOS COM NÍVEL ≥ 3	OBTIVERAM NÍVEL ≥ 3 EM EXAME		
A	15	11	20	5		
B	24	18	21	6		
C	18	17	17	6		
D	16	16	16	6		
E	18	10	22	6		
F	19	12	13	3		
G	15	11	11	2		
H	14	14	16	3		
I	17	15	16	5		
TOTAL	156	Nº	%	152	Nº	%
		124	79%		42	28%

No entender desta CAI, os dados de que agora se dá conta deverão ser alvo de uma reflexão muito aturada por parte dos vários envolvidos, pelo que a seu tempo procuraremos apresentar algumas sugestões.

ENSINO SECUNDÁRIO (Anexos 3 e 4)

11º ANO

De entre as disciplinas de 11º ano em que os nossos alunos estiveram sujeitos a exame no ano letivo 2016/2017, destacam-se, pela positiva, as Francês e Geometria Descritiva A, dado que não ocorreram classificações inferiores a dez valores nas fases de exame a que os alunos se sujeitaram, o mesmo não se verificando nas restantes disciplinas, de acordo com o que se segue:

Biologia e Geologia – dez de 51 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e oito de 28 na 2ª;

Física e Química A – dez de 66 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e sete de 41 na 2ª;

Matemática Aplicada às Ciências Sociais – três de 15 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e dois de três na 2ª;

Geografia A – três de 16 alunos obtiveram classificações inferiores a dez na 1ª fase e três de cinco na 2ª.

Literatura Portuguesa – um de 22 alunos obteve classificação inferior a dez na 1ª fase e um outro de um na 2ª.

Em função do desempenho dos alunos nas sete disciplinas abaixo consideradas para o 11º ano, os dados percentuais de reprovações nas duas fases são os que poderemos ver no quadro que se segue (entre parêntesis, por baixo do nome da disciplina, surge o número de alunos que realizaram exames em cada uma das duas fases).

Saliente-se desde já o facto de, contrariamente ao que vinha a ser habitual, não ter havido quaisquer reprovações em exame na disciplina de Geometria Descritiva A, nem na de Francês.

11º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES (1ª E 2ª FASES)				
FASES	DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE			
	BIOL E GEOL. (1ª-51/2ª-28)	FÍS E QUÍM. A (1ª-66/2ª-41)	MACS (1ª-15/2ª-3)	GEOGRAFIA A (1ª-16/2ª-5)
1ª	19,6%	15,2%	20%	18,8%
2ª	28,6%	17,1%	66,7%	60%

FASES	LIT PORT. (1ª-22/2ª-1)	FRANCÊS (1ª-22)	GEOMETRIA DESCRITIVA A (1ª-8/2ª-4)
1ª	4,5%	0%	0%
2ª	100%	---	0%

Considerando agora a diferença entre a Classificação interna final (CIF) e a Classificação de exame (CE) ocorrida nas disciplinas de 11º ano, verifica-se haver um diferencial bastante acentuado em algumas delas e mais ligeiro ou inexistente noutras, de acordo com o quadro que se segue.



11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)				
FASES	FÍS E QUÍM. A	BIOL E GEOL.	MACS	LIT PORT.
1ª	5,5	5	4,6	4,3
2ª	5,1	4,5	4,8	7,1

FASES	GEOMETRIA DESCRITIVA A	GEOGRAFIA A	FRANCÊS
1ª	5	1,7	0,3
2ª	-0,8	3,7	---

Destas oscilações resultam, naturalmente, pequenas diferenças percentuais entre a CIF e a classificação final da disciplina (CFD), que se registam.

11º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)				
FASES	FÍS E QUÍM. A	BIOL E GEOL.	GEOGRAFIA A	LIT PORT.
1ª	1,3	1,1	0,4	1,1
2ª	1,1	0,9	0,8	1

FASES	MACS	FRANCÊS	GEOMETRIA DESCRITIVA A
1ª	1,2	0	0,8
2ª	1,3	---	-0,5

12º ANO

Em relação aos exames nacionais deste ano de escolaridade, como se poderá verificar abaixo, destaque-se o facto de a percentagem global de reprovações ter sido bastante elevada na disciplina de Matemática A (1ª e 2ª fases), assim como na 2ª fase da de História A, embora nesta a percentagem de 50% represente um universo de dois alunos.



12º ANO – PERCENTAGENS DE REPROVAÇÕES (1ª E 2ª FASES)			
FASES	DISCIPLINAS E NÚMERO DE PROVAS REALIZADAS POR FASE		
	PORTUGUÊS (1ª-109/2ª-12)	MATEMÁTICA A (1ª-64/2ª-33)	HISTÓRIA A (1ª-43/2ª-4)
1ª	2,8%	20,3%	11,6%
2ª	8,3%	39,4%	50%

Da análise comparativa entre a CIF e a CE nas duas fases de exames, percebe-se ter ocorrido um diferencial considerável na disciplina de Matemática A.

12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CE (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)			
FASES	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA A	HISTÓRIA A
1ª	2,6	4,5	3,2
2ª	1,8	5,3	3,6

Assim, e em função dos dados acima, as diferenças percentuais entre a CIF e a CFD nas três disciplinas em causa são aquelas de que a seguir se dá conta.

12º ANO – DIFERENÇA ENTRE CIF E CFD (EM PONTOS) (1ª E 2ª FASES)			
FASE	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA A	HISTÓRIA A
1ª	0,7	1,1	0,8
2ª	0,3	1,3	1,0

Em síntese, quer parecer-nos que o desempenho global dos alunos da ESIC em exame não é dos melhores, o que, como é evidente, deverá continuar a ser alvo de ponderação em sede própria. Porém, convirá recordar que, por um lado, o desempenho dos alunos em situação de exame, por condicionantes diversos, nem sempre corresponde ao expectável e, por outro, a avaliação interna inclui Instrumentos de verificação e Critérios de referência que, naturalmente, estão ausentes da avaliação externa. De qualquer modo, sendo nosso objetivo a aproximação à excelência, há que, tendencialmente, procurar reduzir o diferencial que se verifica entre a avaliação interna e a externa.

1.2 No que aos **Resultados sociais** concerne, e tendo como base de análise o documento “Resultados do Concurso Nacional de Acesso 2017” (Anexos 5 e 6), verifica-se um ligeiro agravamento em relação aos dados do ano 2015/2016, dado ser agora de **65%** a percentagem dos alunos colocados na **1ª fase**, contra 76% no ano transato. Verifica-se, pelo contrário, uma melhoria significativa em relação às colocações na **2ª fase**, de 26% em 2015/2016 para **47%** no ano a que este Relatório diz respeito.

FASES	CANDIDATURAS	COLOCADOS					
		TOTAIS		POR OPÇÃO			
		Nº	%	1ª opção		2ª opção	
				Nº	%	Nº	%
1ª	93	60	65%	18	30%	19	32%
2ª	38	18	47%	6	33%	5	28%

Ainda no âmbito dos **Resultados sociais**, olhemos agora para os dados do Programa de combate à indisciplina (PCI), no que ao critério “Cumprimento de regras” respeita, começando por recordar, uma vez mais, as três “tipologias de indisciplina” consideradas pelo Programa em causa (o negrito é nosso).

Tipo 1 – “Perturbações que afetam o normal desenvolvimento da aula e que se traduzem pelo **incumprimento das regras** necessárias ao adequado funcionamento da aula.”

Tipo 2 – “Problemas nas **relações entre alunos**, que se traduzem em conflitos verbais que afetam a dignidade e o bem-estar dos colegas.”

Tipo 3 – “Conflitos nas **relações professor/aluno**, que dizem respeito a problemas que colocam em causa a dignidade do professor, como profissional e como pessoa.”

Para proceder a uma mais profícua reflexão sobre os resultados atuais, optou-se, a exemplo do que é habitual, por estabelecer uma relação com os dois anos transatos, considerando-se, assim, os dados relativos aos últimos três anos, de que a seguir se dá conta.

OCORRÊNCIAS	PCI		
	2014/15	2015/16	2016/17
NÚMERO TOTAL	250	766	572

Da observação do quadro, destaca-se uma melhoria considerável do total de ocorrências, que, entende esta CAI, mesmo assim continua a ser preocupante.

Vejamos agora como se distribuem as várias ocorrências por tipologia/ano de escolaridade, para o que se deverá atentar no quadro abaixo, no qual também se comparam os três últimos anos letivos. E o que continua a evidenciar-se é a predominância das ocorrências de Tipo 1, assim como um **agravamento** muito, muito acentuado desta tipologia no 9º de escolaridade (tal como das duas outras). Saliente-se, com satisfação, a considerável redução de ocorrências de Tipo 1 e de Tipo 2 no 7º ano, assim como de Tipo 3 nos 7º e 8º anos.

ALUNOS ENCAMINHADOS PARA O PCI	OCORRÊNCIAS								
	TIPO 1			TIPO 2			TIPO 3		
	2014/15	2015/16	2016/17	2014/15	2015/16	2016/17	2014/15	2015/16	2016/17
7º ANO	138	408	229	31	47	21	6	35	8
8º ANO	28	155	159	6	13	13	4	9	3
9º ANO	17	68	118	5	1	4	1	10	11
10º ANO	4	15	4	2	0	0	0	1	1
11º ANO	3	1	0	2	0	0	2	0	0
12º ANO	0	3	1	0	0	0	1	0	0
TOTAL	190	650	511	46	61	38	14	55	23

Face a estes resultados, a expectativa é que o PCI prossiga de acordo com os objetivos delineados e que os resultados futuros mantenham a tendência atual, com vista à resolução dos problemas de indisciplina, para o que continuará a ser fundamental o en-

volvimento e empenho de toda a comunidade educativa. Só assim, como sabemos, será possível que os resultados escolares dos alunos melhorem significativamente e de forma sustentada, como todos desejamos.

Como forma de complementarmos os dados acima, apresentemos agora os obtidos através dos questionários dos **docentes**, AT e AO (cf. Anexos 8 e 14), que espelham a **visão** dos mesmos sobre os nossos **alunos** no que ao critério “**Cumprimento de regras**” diz respeito. Refira-se que, em relação ao ano anterior, introduziu-se a variável “Não sei” em duas das cinco questões colocadas aos assistentes, na medida em que é difícil aos AT manifestar conhecimento sobre alguns dos parâmetros em análise.

OS ALUNOS	DOCENTES		ASSISTENTES		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	N/ SEI
TÊM BOM COMPORTAMENTO	22%	78%	37%	63%	---
RESPEITAM OS PROFESSORES	40%	60%	4%	74%	22%
RESPEITAM OS ASSISTENTES	35%	65%	59%	41%	---
RESPEITAM-SE ENTRE SI	31%	69%	30%	70%	---
RESPEITAM OS EQUIPAMENTOS	31%	69%	4%	85%	11%

Como se pode deduzir dos dados do quadro acima, o comportamento dos alunos em geral não será dos melhores, pelo que urgirá continuar a intervir a este nível. Saliente-se a propósito que, no que respeita ao tratamento das **questões disciplinares**, se no ano transato 40% dos docentes considerava que estas **não eram tratadas da melhor forma**, essa percentagem aumentou agora para **47%**.

2. PRESTAÇÃO DE SERVIÇO EDUCATIVO

Se desde o ano letivo 2012/13, a Direção e os docentes da ESIC procuraram delinear e implementar planos de intervenção junto das turmas cujos resultados do 1º e/ou do 2º períodos não correspondiam ao desejado, no ano letivo a que este Relatório reporta foi decidido enveredar numa outra direção.

Em função dos resultados obtidos pelos alunos, a própria Direção da ESIC levou a cabo reuniões com os coordenadores de cada ano de escolaridade, que depois reuniram com os docentes em cujas turmas os resultados se afiguraram mais preocupantes. No fundo, pretendia-se identificar as causas para tais resultados e a elaborar planos de ação, de modo a ultrapassar os problemas desde o início. Assim, em trabalho colaborativo, delineararam-se planos de ação, contemplando atividades diversificadas, adaptadas aos interesses dos alunos, de modo a que estes conseguissem atingir os objetivos desejados. Esses planos implicam, naturalmente, um trabalho conjunto muito concertado, para além da definição de estratégias adequadas a cada turma, de modo a colmatar as dificuldades evidenciadas pelos alunos.

Sendo função da CAI monitorizar o trabalho desenvolvido e aferir resultados, desde o ano letivo acima referido, esta Comissão aplicou um questionário específico aos docentes das disciplinas/turmas em que ocorreu a intervenção em causa. No entanto, no ano letivo a que este Relatório respeita, e como já se disse, atuou-se de modo diferente, pelo que os Campos “Planeamento e articulação” e “Práticas de ensino” deixaram de ser alvo de um questionário próprio, para passarem a estar incluídos no questionário aplicado a todos os docentes em serviço na ESIC. (Anexo 7). É dos dados obtidos através deste do mesmo que a seguir damos conta (cf. Anexo 8).

No que à situação profissional e ao tempo de serviço dos docentes diz respeito, considere-se o quadro abaixo.

TOTAL	SITUAÇÃO PROFISSIONAL	QUADRO DE ESCOLA	QZP	OUTRA
		74%	9%	17%
115	TEMPO DE SERVIÇO	MAIS 20 ANOS	11-20 ANOS	MENOS 10 ANOS
		78%	11%	11%

2.1 No que concerne ao **Planeamento e articulação**, concretamente no âmbito do **trabalho colaborativo**, há a salientar que a grande maioria dos docentes o avalia positivamente no que respeita aos diferentes parâmetros considerados, a saber: **“Discutir estratégias de diferenciação pedagógica”** (níveis **3 a 5** para **95%** dos inquiridos), **“Procurar soluções para minimizar o insucesso escolar”** (níveis **3 a 5** para **95%** dos inquiridos), **“Analisar e refletir sobre práticas letivas”** (níveis **3 a 5** para **94%** dos inquiridos), **“Partilhar experiências e práticas docentes”** (níveis **3 a 5** para **97%** dos inquiridos).

2.2 Igualmente positivos são os dados respeitantes a **Práticas de ensino**, mais concretamente às **“Práticas na sala de aula”**, visto que, de acordo com as respostas obtidas, passou de 80%, em 2015/16, para **93%** a percentagem dos inquiridos que **diz ter alterado as suas práticas graças ao trabalho colaborativo** (recorde-se que em 2014/15 essa percentagem situava-se nuns muito poucos 57%).

Face aos dados apresentados, quer parecer-nos que o trabalho colaborativo tem vindo a revelar-se uma mais-valia, como todos desejamos, pelo que há que continuar a investir nesta prática.

3. LIDERANÇA E GESTÃO

Sendo objetivo da avaliação interna a melhoria aos mais diversos níveis, a CAI tem vindo a aplicar questionários aos docentes da ESIC, assim como aos alunos, encarregados de educação (EE), AT e AO, tendo como “centro” aspetos cuja avaliação global se foi evidenciando menos positiva e no âmbito dos quais foram sugeridos e, eventualmente, desenvolvidos planos de melhoria.

A. PESSOAL DOCENTE

Visando aferir o seu grau de satisfação relativamente aos domínios “Liderança e gestão”, com base nos campos “Liderança” (parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”) e “Gestão” (parâmetro “Horários e distribuição de serviço”), passamos a dar conta dos resultados obtidos através do questionário aplicado junto do pessoal docente que no ano 2016/17 prestava serviço na ESIC (Anexo 7).

Saliente-se que, de um universo de **cento e quinze docentes**, **74%** do QE e **78%** com **mais de 20 anos de serviço**, como já vimos, **41%** desempenhava funções de **diretor de turma (DT)**, **54%** do ensino **básico** e **46%** do **secundário**.

Vejamos, então, o que nos “dizem” os dados recolhidos (cf. Anexo 8).

3.1 LIDERANÇA / GESTÃO

A. LIDERANÇA

Para melhor se analisar a evolução dos dados a que se chegou no que a este campo concerne, especificamente em função dos parâmetros “Liderança” e “Lideranças intermédias”, optámos por apresentar no quadro abaixo não só os resultados do ano a que reporta o presente Relatório, mas também os dos dois anos transatos. Da observação dos dados sobressai o facto de que a maioria dos inquiridos continua a reconhecer um óptimo trabalho às coordenadoras de DT, assim como às restantes lideranças intermédias, embora tenham ocorrido oscilações em alguns aspetos. Quanto à Direção, verifica-se uma melhoria dos resultados, que continuam, no entanto, a não ser tão positivos como os das restantes lideranças. Vejamos, então, o que mostravam os dados dos anos 2014/15 e 2015/16 e o que mostram os agora apurados.

CAMPO: LIDERANÇA	CAPACIDADE DE								
	LIDERANÇA			DIÁLOGO			MOBILIZAÇÃO		
	2014/15	2015/16	2016/17	2014/15	2015/16	2016/17	2014/15	2015/16	2016/17
DIREÇÃO	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	48%	47%	58%	59%	57%	74%	48%	50%	61%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	36%	40%	30%	36%	29%	17%	32%	31%	24%
COORDENAÇÃO DE DEPARTAMENTO	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	79%	77%	76%	86%	87%	83%	81%	75%	75%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	18%	17%	19%	13%	9%	15%	18%	17%	20%
COORDENAÇÃO DE DISCIPLINA	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	85%	82%	83%	90%	88%	88%	83%	80%	82%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	11%	15%	16%	6%	7%	10%	13%	17%	16%
COORDENAÇÃO DE DT	BASTANTE / MUITO SATISFEITO			BOA / MUITO BOA			BOA / MUITO BOA		
	98%	91%	90%	98%	93%	91%	98%	86%	91%
	SATISFEITO			SUFICIENTE			SUFICIENTE		
	2%	3%	5%	2%	3,5%	3%	2%	10,5%	3%

B. GESTÃO

No âmbito deste campo, tendo-se auscultado a opinião dos docentes sobre os parâmetros “Horários e distribuição de serviço”, verifica-se o seguinte:

- é de **71%** a percentagem de docentes que está **bastante ou muito satisfeita com a distribuição de serviço**, (contrariamente ao que acontecia no ano transato, em que o mesmo acontecia apenas com sensivelmente metade dos inquiridos – 52%), estando **11% pouco ou nada satisfeitos e 18% medianamente satisfeitos**;

- quanto aos **níveis atribuídos**, passou de 53% para **67% a percentagem de docentes que está bastante ou muito satisfeita**, tendo baixado de 20% para **13%** a dos que dizem estar **pouco ou nada satisfeitos**;
- em relação à **mancha horária semanal**, ela é do **agrado de 62% dos inquiridos e desagrada a 16%**, contra 53% e 28%, respetivamente, no ano anterior.

Finalmente, e tal como nos anos anteriores, colocámos aos professores em serviço na ESIC uma última questão – quisemos saber até que ponto cada um se revê nesta escola e as respostas permitem uma leitura bastante animadora. Assim, os dados mostram um **crescendo** em contínuo na **percentagem dos que consideram a ESIC a “sua” escola**, já que em 2014/2015 essa percentagem era de 52%, sendo no ano seguinte de 60% e situando-se agora nos **71%**; simultaneamente, tem vindo a ocorrer um decréscimo dos que apenas **se revêm suficientemente** na ESIC, percentagem que passou de 38% em 2014/2015, para 33% em 2015/2016, sendo agora de **30%**.

Em síntese, o que claramente se percebe dos dados acima é que, no que ao indicador “Grau de satisfação interna” diz respeito, se registou uma melhoria nos resultados, fruto, segundo cremos, da implementação de sugestões apresentadas à Direção em relatórios anteriores e que se prendiam, basicamente, com a necessidade de valorização dos docentes, elementos centrais na persecução de uma escola de qualidade, como se pretende. Este princípio, de resto, afigurasse-nos de grande importância, pelo que será necessário continuar a perseguir-lo.

3.2 A exemplo dos anos anteriores e dos dados obtidos através dos questionários aplicados a alunos, EE e AT/AO no que respeita ao campo **Gestão**, continuou a pretender-se aferir a evolução em relação aos critérios “Práticas de organização” e “Eficácia”, assim como ao subsequente indicador “Grau de satisfação interna e externa” dos três grupos em causa.

Vejamos, então, os resultados obtidos e as eventuais alterações em relação ao ano anterior.

B. ALUNOS

Convirá referir que no questionário aplicado aos alunos (Anexo 9), e com vista à determinação do indicador “Grau de satisfação interna”, foram considerados os parâmetros “Limpeza” (das salas de aula, dos WC, do pavilhão gimnodesportivo e dos espaços exteriores), “Funcionamento” (do bufete e do refeitório), “Segurança dos alunos no interior da ESIC” e “Controlo na portaria”, assim como (para os alunos do básico), “Atividades de acompanhamento ao estudo” (AAE), “Roteiros d’escrita” (RE) e “Reforço pedagógico de Matemática” (RPM), estes últimos para o 9º ano, e (para os do secundário) “Reforço pedagógico” (RP) e “Sala de estudo” (SE).

Considerando os dados obtidos (cf. Anexo 10) através das respostas dos **trezentos e setenta e quatro discentes** (mais 105 que no ano transato), verifica-se que **53%** dos inquiridos é do **sexo feminino** e **47%** do **masculino**, sendo que **46%** frequenta o ensino **básico** (todos no ensino regular) e **54%** o **secundário** (61% no regular e 39% no profissional).

Atentemos agora nos parâmetros que se têm vindo a revelar de resolução mais complexa.

1. Grau de satisfação dos alunos em relação a

A. Limpeza

- a) **das salas de aula** – apenas **22%** dos alunos estão **muito ou totalmente satisfeitos** (o que traduz um significativo agravamento em relação ao ano anterior, dado que esta percentagem era, então, de 38%), sendo que **40%** dos alunos se consideram **satisfeitos** (contra 35% no ano 2015/16);
- b) **dos WC** – os resultados revelam que é de **35%** a percentagem dos que dizem estar **muito ou totalmente satisfeitos** (também aqui um agravamento considerável em relação ao ano anterior, visto que essa percentagem era então de 43%), estando **satisfeitos 38%** dos inquiridos (no ano anterior tal percentagem correspondia a 34%);
- c) **do gimnodesportivo** – neste parâmetro, os resultados variam um pouco em relação aos dos do ano transato, visto que **58%** dos alunos afirmam estar **muito ou totalmente satisfeitos** (contra 50% em 2015/16) e **28%** dizem estar **satisfeitos**, percentagem que era, então, de 31% ;

- d) **dos espaços exteriores** – dado que no ano transato eram de 36% e 40% as percentagens de alunos que se diziam **muito ou totalmente satisfeitos e satisfeitos**, essas percentagens estão em linha com as atuais, que se situam nos **36% e 42%**, respetivamente.

Conclui-se assim que as condições de limpeza interior e exterior continuam a ser um problema, agravando-se mesmo nalguns espaços em relação ao ano anterior, facto que não será alheia a contínua falta de AO com que a ESIC se tem vindo a debater. Saliente-se o facto de, em relação às salas de aulas, diversos alunos referirem não só a falta de limpeza da sala em si, mas também a dos parapeitos, pelo que, segundo nos parece, continua a haver uma certa margem de progressão que convirá perseguir.

Uma vez mais, e a exemplo do que se passou no ano letivo anterior, importa salientar que, em relação ao funcionamento de um dos espaços que se segue – o refeitório escolar –, se pediu aos alunos que só respondessem ao parâmetro “Funcionamento do refeitório” os que efetivamente o frequentam, informação que, de resto, se incluiu no questionário. Assim, sendo de 374, recorde-se, o total de alunos que participou neste inquérito, é de 200 o dos que se pronunciam sobre o serviço do refeitório. Para além de nos centrarmos nos resultados apurados, sugere-se ainda uma leitura atenta das razões de desagrado indicadas pelos alunos no Anexo 10.

B. Funcionamento

- a) **do bufete** – **49%** dos alunos consideram-se **muito ou totalmente satisfeitos** com o funcionamento do bufete (percentagem bastante abaixo dos 60% do ano anterior), sendo que **72%** se “queixa” **do tempo de espera** (contra 67% em 2015/16).

Destaque-se ainda que, como causas para a sua insatisfação, muitos salientam a deficiente organização por parte dos AO, assim como o facto de os professores serem atendidos antes dos alunos, o que põe em causa a ordem de chegada, a que acresce a impossibilidade de serem atendidos quando não têm aulas. Ora, parece ser necessário que haja aqui um espaço de reflexão, dado que, como sabemos, às vezes ligeiros acertos representam grandes melhorias.

- b) **do refeitório escolar** – apesar de todos os esforços, o **serviço prestado pelo refeitório continua a não ser do agrado numa parte muito significativa**

dos nossos alunos, como demonstram os dados agora recolhidos, aos quais, para uma leitura evolutiva mais clara, juntamos os dos três anos anteriores.

Grau de satisfação			
Evolução das percentagens de avaliações entre os níveis 1 e 3			
2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
70%	75%	73%	80%

Importa, agora, tentar perceber a causa ou causas da insatisfação manifestada pelos alunos, para o que se consideraram também os resultados apurados nos últimos três anos.

Motivos de insatisfação			
Ano letivo	Qualidade da confeção	Quantidade servida	Tempo de espera
2016/17	67%	11%	9%
2015/16	53%	20%	19%
2014/15	58%	20%	10%
2013/14	38%	15%	24%

Daqui se percebe que as alterações introduzidas nos últimos anos com vista à melhoria do serviço prestado pelo refeitório deu alguns frutos, nomeadamente no que ao tempo de espera e à quantidade servida diz respeito, mas a qualidade da confeção continua a ser um sério problema.

Por isso mesmo, sugere-se a leitura atenta das queixas explicitadas em resposta aberta, nas quais os alunos se referem não só a questões ligadas com a deficiente confeção dos alimentos, mas ainda a problemas de higiene muito graves, como a falta de limpeza da loiça e talheres ou a “presença” de cabelos nos alimentos!

Em função das informações recolhidas, parece ser fundamental repensar aos mais diversos níveis os dois serviços em análise, mas muito particularmente o refeitório, dada a gravidade das queixas apresentadas.

C. Segurança

Em relação à segurança dentro da ESIC, verifica-se que o **grau de satisfação** dos alunos se tem mantido **sem grandes oscilações**, dado que apenas **63%** estão **muito ou totalmente satisfeitos** com a segurança (tal percentagem era de 62% no ano transato), sendo de **27%** a percentagem dos que estão **satisfeitos** (a mesma que no ano anterior).

Quando questionados sobre as razões pelas quais não estão satisfeitos com a segurança na ESIC, **50%** dos alunos salienta a **pouca vigilância nos espaços de recreio** (contra 62% no ano 2015/2016) e **14%** refere a **falta de controlo nas saídas/entradas**.

Aliás, a este respeito, sugere-se, uma vez mais, a leitura atenta das respostas abertas dadas pelos alunos, nas quais são referidos os **roubos** e o **bullying** no recreio, assim como um **controlo incorrecto dos cartões** de estudante e a facilidade com que **pessoas que não são da escola entram na ESIC**.

Face a estes dados, quer parecer-nos que a segurança interna deverá ser alvo de uma séria ponderação e atuação por parte da Direção, pelo que retomaremos esta problemática mais adiante.

D. Ensino básico: Atividades de acompanhamento ao estudo (AAE) / Roteiros d'escrita (RE) (9º ano) / Reforço pedagógico de Matemática (RPM) (9º ano)

Ensino secundário: Reforço pedagógico (RP) / Sala de estudo (SE)

Como todos sabemos, as atividades e disciplinas sobre as quais agora nos centramos foram pensadas no sentido de complementar e facilitar o desempenho escolar dos alunos. No entanto, curiosamente, o que fica das respostas dadas por estes é, no mínimo, desconcertante. Senão vejamos.

Quando auscultados sobre o grau de satisfação relativamente às AAE, aos RE e ao RPM (ensino básico) apenas **58%**, **56%** e **46%**, respetivamente, estão **muito ou totalmente satisfeitos**, o que deixa de fora uma significativa percentagem de alunos, nalguns casos ainda maior do que a do ano anterior, dado que estas percentagens eram então, pela mesma ordem, de 66%, 53% e 51%.

No que respeita aos alunos do **ensino secundário**, o panorama não é melhor, dado que se dizem **muito ou totalmente satisfeitos** com o **RP** e a **SE** apenas **57%** e **52%**, respetivamente (contra 51% e 62% no ano transato).

Em função dos dados obtidos, quer parecer-nos evidente a necessidade de envolver os alunos e respetivos EE, de forma séria e responsável, no processo de ensino e de aprendizagem, assim como, eventualmente, repensar os apoios prestados aos alunos, pelo que, a seu tempo, retomaremos este assunto.

C. ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Foquemos agora o nosso centro de atenção nos **EE**, interlocutores fundamentais para o êxito dos alunos. Como ponto prévio, entendemos importante referir que o total de respostas, que deveria ter sido igual ao dos alunos, isto é, trezentas e setenta e quatro, ficou-se pelas **cento e oitenta e seis**, ou seja, **50% do expectável.**, quando no ano anterior fora de 62%.

Como habitualmente, o que se pretendia era perceber o conhecimento dos **EE** sobre o funcionamento da escola frequentada pelos seus educandos, assim como o grau de satisfação em relação à mesma. Do total de **EE** que participaram, através de um questionário *on-line* (Anexo 11), 98 são de alunos do ensino básico regular, 72 de alunos do secundário regular e 16 de cursos profissionais, sendo de referir que, uma vez mais, nenhum **EE** de alunos dos cursos vocacionais respondeu ao questionário.

Globalmente, o que se verifica (cf. Anexo 12) é que quase todos acompanham a “vida” da **ESIC**, sendo que **93%** considera **conhecer bem as regras de funcionamento** e **87%** reconhece que «**Os EE são incentivados a participar na vida da escola**» (contra 84%, no ano transato, nos dois itens), tendo passado de 54% para **67% a percentagem** dos que **entendem** que «**A escola resolve bem os problemas de indisciplina**».

No que respeita ao serviço prestado pelo **refeitório escolar**, verifica-se que o grau de (in)satisfação surge em linha com o que foi apurado junto dos alunos, pelo que os **EE** não só estarão informados, mas também preocupados. Senão, vejamos: **37%** considera-o **mau**, **51%** **razoável** e **11%** avalia-o como **bom** (percentagens que em 2015/16 eram, respetivamente, de 29%, 51% e 14%), o que significa que, de acordo com os **EE**, não terá ocorrido uma melhoria na prestação deste serviço e sim um agravamento.

Tal como acontecia com os alunos, também para os EE a **qualidade da confeção** é a razão apontada para tal avaliação, isto segundo **79%** dos inquiridos, o que significa um aumento em 10% em relação aos que no ano anterior manifestavam a mesma preocupação.

Quanto ao serviço do **bufete**, o **grau de satisfação** é **ligeiramente melhor** que o do ano transato, dado que agora **54%** considera-o **bom ou muito bom** (contra os 52% de então), tendo passado de 29% para **41%** a percentagem dos que o consideram **razoável**. Continuam a ser razões para esta “avaliação” particularmente o **tempo de espera (47%)** e a **variedade dos produtos (29%)**, mas também a **qualidade** destes (**18%**). Saliente-se ainda o facto de os EE sugerirem uma aposta na **venda de produtos saudáveis** no bufete.

Quanto às **condições de higiene** da ESIC, o resultado agora obtido continua a refletir uma tendência de melhoria que se vinha já a verificar, dado que é de **79%** a percentagem dos EE que considera a escola **limpa**, contra 75%, 67% e 66% nos três últimos anos.

No que à **segurança** diz respeito, e contrariamente à opinião veiculada pelos alunos, os EE evidenciam uma grande satisfação, visto ter passado de 74% para **91%** a percentagem dos que consideram a ESIC uma escola **segura**. Refira-se que muitos salientam a falta de AO como motivo para alguma insegurança.

Finalmente, e mau grado a opinião expressa particularmente em relação ao refeitório escolar, os EE estão **muito satisfeitos com a escola**, o que se traduz na percentagem dos que afirmam **gostar que o seu educando a frequente**, que tem vindo a sofrer a seguinte evolução: 78% no ano 2012/13, 87% no ano seguinte, 89% em 2014/15, 90% no ano transato e **97%** no ano letivo 2016/2017.

D. ASSISTENTES TÉCNICOS (AT) E ASSISTENTES OPERACIONAIS (AO)

Finalmente, centremo-nos nos resultados obtidos a partir do questionário preenchido *on-line* pelos assistentes da ESIC (Anexo 13), cujo objetivo, tal como o dos questionários anteriores, foi o de reavaliar parâmetros que se têm vindo a revelar mais controversos.

Das respostas dadas por **nove AT** e **dezoito AO** (cf. Anexo 14), a forma como a **informação** circula na escola continua a revelar-se um problema que necessita

ser resolvido, dado que apenas **45%** considera que a mesma **circula bem**, pelo que 55% considera o contrário.

Por outro lado, afigura-se fundamental salientar que passou de 19% para **85%** a percentagem dos assistentes que considera que **os seus «contributos para o funcionamento da escola são valorizados»**, o que traduz uma grande melhoria em relação ao ano anterior. Eventualmente, poderemos ser levados a pensar que a percentagem agora alcançada reflete, de algum modo, a sugestão de valorização do trabalho dos assistentes apresentada no último Relatório da CAI, até porque nunca estas percentagens haviam atingido valor tão baixo nem tão alto, tendo oscilado entre os 46% em 2014/2015 e os 63% em 2012/13.

Também quanto à **segurança**, a visão dos assistentes melhorou consideravelmente, dado que passou de 43% para **63%** a percentagem dos que consideram a **ESIC** uma escola **segura** (recorde-se que essa percentagem já foi de 73%, no ano 2012/13).

Por fim, no que respeita ao grau de satisfação global dos nossos assistentes, podemos concluir estarem os mesmos muito satisfeitos, dado que passou de 86% para **92%** a percentagem dos que **afirmam gostar de trabalhar na ESIC** (em 2014/2015 essa percentagem era de 96%, sendo em 2013/14 de 83% e em 2012/13 de 90%).

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Terminada que está a apresentação de dados recolhidos, importará agora refletir um pouco, no sentido de sintetizar conclusões e apresentar algumas sugestões que se afigurem mais apropriadas.

No entanto, parece-nos fundamental que antes disso salientemos algo que deixámos implícito no início deste Relatório – no ano letivo em curso, a ESIC passou a ter uma nova Direção, assim como novas lideranças intermédias (à exceção das de área disciplinar). Por um lado, isto significa que grande parte dos dados apresentados nada tem a ver com os colegas que agora têm responsabilidade ao nível das lideranças e, por outro lado, implica, em princípio, uma outra visão e uma outra forma de gerir a escola. De resto, tanto quanto já nos foi possível constatar, houve, de facto, alteração de procedimentos em algumas áreas mais sensíveis. Assim, e como o trabalho das novas lideranças só será alvo de reflexão nos questionários a aplicar no ano letivo em curso, parece-nos natural que procuremos reduzir as conclusões e sugestões a aspetos muito específicos e circunscritos.

Feita esta ressalva, passemos, então, ao que se prevê nesta secção, seguindo, como habitualmente, a mesma estrutura do Relatório, de acordo com os vários Domínios, Campos e Parâmetros analisados.

No que respeita ao domínio **Resultados**, e mais concretamente no que ao campo **Resultados académicos** concerne, recordemos que os resultados externos de que dispomos englobam escolas públicas e privadas sem qualquer distinção, para além de que não têm em consideração os resultados esperados, isto é, os que variam em função do meio económico, social e cultural em que os alunos estão inseridos. Simultaneamente, convirá também não esquecer que a avaliação interna, como também já dissemos, contempla Instrumentos de verificação e Critérios de referência próprios que, naturalmente, não se coadunam com a natureza da avaliação externa.

Dito isto, o que em relação a este campo de análise se constata é que o aproveitamento dos nossos alunos é fraco em todos os anos de escolaridade, sendo muito preocupante particularmente na disciplina de Matemática do 9º ano. Por isso mesmo, importará que os vários envolvidos reflitam de forma aturada, com vista à definição de estratégias ou à alteração de práticas que se traduzam na efetiva melhoria dos resultados académicos dos nossos alunos. Mas saliente-se que quando nos referimos aos vários envolvidos

não queremos apenas implicar o corpo docente, dado que entendemos que os alunos e o respetivos EE devem ser igualmente responsabilizados pelo processo de ensino e de aprendizagem. Por isso mesmo, sugerimos que uns e outros devem ser esclarecidos e responsabilizados ainda antes do início das atividades letivas, eventualmente em pequenas sessões com os DT e a Direção da escola, mas também ao longo do ano, em reuniões que não apenas as de entrega das fichas de registo da avaliação. De resto, convirá não esquecer que nem sempre alunos e EE valorizam o estudo e o trabalho. Por isso mesmo, estes momentos poderiam servir também para os sensibilizar para a importância de aproveitar todos os recursos que a escola coloca ao dispor dos alunos, como as atividades de acompanhamento ao estudo, os Roteiros d'escrita, o reforço pedagógico, a preparação para os exames ou a sala de estudo, que, de acordo com os dados recolhidos, parecem não ser devidamente valorizados e aproveitados.

Quanto aos **Resultados sociais**, e embora os dados apresentados pelo PCI reflitam uma melhoria, como se assinalou, entendemos que, também a este nível, deverá proceder-se a uma ponderação muito cuidada, mais premente ainda se tivermos em consideração os dados apurados através dos questionários a docentes e assistentes. Assim, pensamos que, logo no início do ano letivo, eventualmente aquando das receções, a equipa dos STP, em estreita colaboração com a Direção e com os DT, poderia desenvolver uma efetiva sensibilização de alunos e EE, particularmente de 7º ano. Procurar-se-ia, assim, o envolvimento de todos na melhoria dos resultados sociais, o que, naturalmente, não só se reflete nos resultados académicos como entronca nos objetivos do PCI, nomeadamente nos que visam «melhorar o comportamento e a disciplina na sala de aula», «melhorar o ambiente escolar», «envolver alunos (...) e encarregados de educação na resolução dos problemas de indisciplina» e, conseqüentemente, «melhorar os resultados escolares dos alunos». Esta sensibilização, que, sublinhe-se, deveria decorrer em estreita colaboração com os DT, seria, naturalmente, mais um modo de envolver e responsabilizar os EE pelo empenho e desempenho escolar dos seus educandos. Igualmente interessante se nos afigura um projeto de “adoção” por alunos de outros anos de escolaridade, isto é, um projeto que levasse alunos de 11º e de 12º ano a “adotar” os alunos de 7º, por ser um ano de mudança que se revela sempre de adaptação muito complexa, mas também os de 9º que mudassem de escola, acompanhando-os nos mais diversos aspetos ao longo de todo o ano letivo. Este projeto, cuja criação e aplicação foi já sugerida em anos anteriores, parece-nos uma mais-valia na procura da resolução para problemas como a indisciplina e o fraco aproveitamento escolar, isto porque entendemos que só com o envolvi-

mento e empenhamento de todos se poderá almejar a escola de excelência, que, naturalmente, se pretende.

No que concerne ao domínio **Prestação de serviço educativo**, afigurasse fundamental continuar a “investir” no trabalho colaborativo. Aliás, face aos resultados académicos que se verificam em algumas disciplinas e anos, continua a parecer necessário que, com vista à melhoria do trabalho de pares, os diferentes grupos disciplinares “afinem” estratégias, perseguindo, por um lado, a concretização cada vez mais aprofundada de um trabalho colaborativo que tenha como centro os alunos e se concretize na troca de experiências e de práticas de sala de aula e, por outro lado, que se traduza na aplicação, tão rigorosa quanto possível e desejável, dos Critérios de avaliação. Será por isso fundamental que se continue a apostar fortemente nesta vertente, com vista à sua otimização, seja através de formação específica, seja através de momentos comuns para encontros entre os docentes que partilham os mesmos anos de escolaridade, seja através de trocas de impressões informais entre pares. O que nos parece é que importa continuar a alterar comportamentos, dado que, como sabemos, da troca de experiências e de opiniões resulta uma aprendizagem que não se pode menosprezar, pelo que se espera que haja da parte de todos vontade e abertura para a valorizar.

Em relação ao domínio **Liderança e gestão**, como já dissemos, não iremos centra-nos nos resultados apresentados, exceto para salientar que o indicador “Grau de satisfação interna” traduz uma melhoria, eventualmente em resultado de uma certa valorização dos docentes que se sentiu no ano a que o Relatório reporta. Este princípio, de resto, afigurasse-nos de grande importância, uma vez que os docentes, tal como os assistentes, são elementos centrais na persecução de uma escola de qualidade que se pretende, pelo que entendemos que será necessário continuar a persegui-lo, “investindo” no pessoal docente e não docente e valorizando o seu trabalho – estamos cientes de que assim todos os envolvidos e, conseqüentemente, a ESIC, sairão recompensados.

Quanto aos resultados a que se chegou através dos questionários aplicados a alunos e EE, os mesmos apontam para a necessidade de melhorar as condições de segurança da escola, nomeadamente através de uma vigilância interna mais atenta, seja pelos AO, seja, pontualmente, por elementos da Direção, particularmente em pontos e momentos considerados mais críticos e mais propensos a atos que a todos preocupam, como os roubos e o *bullying* referidos pelos alunos. Por outro lado, o controlo incorrecto dos cartões de estudante e a facilidade com que pessoas que não são da escola entram na ESIC são igualmente preocupantes, pelo que se espera que as novas práticas implementadas pela atual Direção surtam efeito.

No que respeita à limpeza dos espaços escolares há igualmente novas práticas em marcha, pelo que, também a este nível, será importante aguardar pelos resultados, embora não possamos esquecer que a ESIC continua a debater-se com falta de pessoal, situação que recentemente se agravou com a saída de mais uma AO. Apesar do trabalho desenvolvido por parte da chefia destes assistentes para que tudo corra pelo melhor, é fácil perceber a dificuldade na obtenção de resultados quando os meios humanos escasseiam. No entanto, e dado que, como sabemos, os alunos são os principais responsáveis pelas condições de pouca higiene com que nos deparamos diariamente, responsabilizá-los pode ser uma boa forma de conseguir minimizar o problema. O que se continua a sugerir é que eles sejam chamados a desempenhar um papel relevante, no sentido de, através da prática de comportamentos cívicos, evidenciarem, antes de mais, hábitos de higiene, mas também de limpeza, sempre que necessário. Continuamos, assim, a propor a concretização de ações de sensibilização que passem pelo registo e divulgação de situações concretas, particularmente nas salas de aula, através de fotografias com que EE e alunos fossem confrontados.

Quanto ao bufete, os alunos continuam a revelar-se insatisfeitos, particularmente no que respeita à organização, à impossibilidade de serem atendidos quando não têm aulas e ao facto de os professores serem atendidos prioritariamente. Ora, tanto quanto sabemos, foram já introduzidas algumas alterações, pelo que aguardemos para ver se esses pequenos acertos se refletirão positivamente no funcionamento deste espaço. No entanto, e porque, precisamente por falta de AO, o bar dos professores vai ser encerrado, o que se prevê é que uma das “queixas” dos alunos se agudize.

Particularmente devido à deficiente confeção dos alimentos servidos, mas também graças à falta de higiene, o refeitório escolar continua a levantar problemas, o que se revela, uma vez mais, muito preocupante. Sugere-se, por isso, à Direção uma atenção e vigilância permanentes por parte dos responsáveis pelo espaço em causa, preferencialmente em colaboração com a APESCA, assim como o estabelecimento de contactos informais com os utilizadores, de modo a tentar perceber em tempo real se há, de facto, razões para queixa em relação à higiene e à confeção dos alimentos, como os alunos referem. Em relação a este último aspeto, retomamos uma sugestão que já apresentámos, mas que não foi concretizada – a implementação de uma ação que consiste em, através de um questionário, auscultar os alunos que frequentam o refeitório, pedindo-lhes que apresentem sugestões para as refeições (as quais, naturalmente, teria que ter em consideração os produtos a promover, de acordo com as orientações do Ministério). A partir dos dados recolhidos e do confronto com as indicações da tutela, poderia depois

ser desenvolvido um trabalho de sensibilização junto de EE e alunos, no sentido de os levar a alterar hábitos alimentares. No entanto, para que este trabalho pudesse vir a dar frutos, seria imprescindível que o refeitório apresentasse um serviço absolutamente irrepreensível, quer ao nível da confeção, quer ao nível da higiene, o que, como é evidente, se afigura fundamental em quaisquer circunstâncias.